



SETTING, Ken. **Marcados pelo Triângulo Rosa**. 1ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

MARCADOS PELO TRIÂNGULO ROSA.

*Lucas Melo Rodrigues de Sousa¹
Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais
(lucasmelo@yahoo.com)*

Ken Setting, contador de histórias, bibliotecário, crítico de livros para crianças e de diversas outras publicações, relata brevemente no primeiro capítulo de seu livro, *Marcados pelo Triângulo Rosa*, a história de um prisioneiro no campo de concentração que diferente dos demais não carregava uma estrela amarela, mas, um triângulo rosa: símbolo que o demarcava como gay.

O autor aponta que desde a época de Alexandre, o Grande a prática homossexual existia. Inicialmente na Grécia a união de dois homens era considerada uma pura, genuína e verdadeira forma de amor e era explicitamente incentivada, pois, as práticas sexuais com parceiros bifformes possuíam apenas o intuito reprodutivo.

Segundo Maria Berenice Dias o termo homossexualidade (2013, p. 31), “exprime tanto a ideia de semelhante, igual, análogo, ou seja, homólogo ou semelhante ao sexo que a pessoa almeja ter, como também significa a sexualidade exercida com uma pessoa do mesmo sexo”.

É apontado na obra que o objetivo dos nazistas nesse período era expurgar o país do homossexualismo. Os gays eram vistos como um atraso, pois não possuíam capacidade reprodutiva e, diante de uma possibilidade inexistente, acreditava-se que poderiam possuir a mesma orientação sexual. Situação essa que não condiz com o ideal ariano. Durante os capítulos, nota-se a ênfase do autor em denúncias as atrocidades nazistas, o escritor indica que “o sexo entre duas pessoas não era uma questão privada, mas um assunto de grande preocupação nacional”. (SETTING, 2017, p.40)

Hitler e sua trupe atuaram em um golpe sofista, pois, as nuances de uma boa retórica provaram ser capazes de aniquilar milhares de vidas independentemente de conhecimento objetivo. Em nenhum momento foi aberto um processo fático dialético para que ideais e contestações desses pré-conceitos imbuídos pela vida social fossem afastados, ao contrário eles foram demarcados.

O termo homossexualismo surgiu em 1860 com intuito de atribuir aos relacionamentos uniformes um tom depreciativo. Passou-se a considerar a homossexualidade como uma comorbidade em que a perversão e traços biológicos eram capazes de degradar todo o círculo social e que deveria haver intenso tratamento psiquiátrico, como terapia de choque, lobotomia e castração.

A exclusão da homossexualidade como doença mental foi feita pela Organização Mundial da Saúde apenas em 17 de maio de 1990 e ratificada em 1992.

¹ Pós-graduando em Direito do Trabalho e Previdenciário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais bem como em Direitos Humanos pela FOCUS..



Observa-se que após a exclusão se põe fim a utilização do termo homossexualismo que designava o amor como equivocada doença e passa-se atribuir o termo homossexualidade.

O triângulo rosa como mencionado destacava os homossexuais e era três centímetros maior que os demais triângulos Além dos habituais insultos e pancadas que recebiam ao serem identificados como homossexuais, estes percebiam que deveriam fazer o possível para manter-se longe da enfermaria, visto que eram os preferidos para serem submetidos aos experimentos médicos, dos quais praticamente nenhum saía vivo. (SETTING, 2017)

Os experimentos eram executados por diversas razões, incluindo encontrar a causa da homossexualidade. Geralmente causavam doenças, mutilações ou morte. Castração era considerada uma opção para cura da homossexualidade. Foi dito a alguns homens que eles seriam libertos da prisão se concordassem a serem castrados, a outros nem concedida foi a opção.

Diwan (2018, p. 13) Indica que “construir o super-homem e perseguir a pureza da raça através da eugenia foi uma obstinação de muitas nações. Sob os mais diversos argumentos segregam, mutilam e executaram milhares de pessoas no mundo”. Clara demonstração que a ciência e o poder podem se aliar e criar políticas preconceituosas, por vezes genocidas. O movimento eugenista apresenta-se fortemente no contexto entre guerras, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial onde a ascensão do nazismo visou eliminar pessoas que não correspondiam aos ideais da raça ariana.

Nos campos o autor aponta que os homossexuais não eram apenas alvo de abuso e violência dos guardas; também sofriam abuso nas mãos de outros prisioneiros frustrados e raivosos. As probabilidades de sobrevivência eram mínimas, mas, aumentavam se o prisioneiro conseguisse encontrar um *kapo*, estes trocavam favores sexuais com intuito de garantir sobrevivência e alimentos aos presos, mas, não era uma opção para homens mais velhos e menos atraentes.

Os quatro anos entre 1935 e 1939 presenciaram o maior número de prisões em virtude da homossexualidade e uma vez presos, os homens recebiam um julgamento rápido; muitos eram torturados repetidamente para entregar o nome de outros homossexuais. Ironicamente (Setting, 2017 em outro ponto aborda que em 1918, foi feito na Alemanha o primeiro filme com temática gay: *Anders als die Andrem* (Diferente dos outros), nesse sentido podemos fazer uma breve analogia ao Brasil, país que preliminarmente legalizou as primeiras uniões homoafetivas, mesmo sendo um dos países que atualmente mais mata a comunidade gay no mundo.

A lei que proibia sexo entre homens era conhecida como Parágrafo 175. Datava de 1871, quando o rei da Prússia unificou diversos reinos em um Estado Alemão com uma nova constituição e um conjunto de leis. O parágrafo 17 declarava “Um homem que cometa atos indecentes com outro homem, ou se permita ser abusado por atos indecentes e lascivos deve ser punido com prisão”. Próximo ao fim da guerra, quando a Alemanha estava ficando sem soldados, os prisioneiros do triângulo rosa receberam uma pequena chance de sobreviver caso concordassem com a castração. Estes poderiam sair do campo para juntar-se ao Exército alemão no *front*.



Apesar de não abordado em seu livro, é importante ponderar rapidamente sobre a resposta Estatal aos fatos da Segunda Guerra Mundial, pois mesmo desumanos muitos eram juridicamente legais. O tribunal foi o capítulo final de uma história de combate entre as forças do bem (os Aliados) e as forças do mal (os nazistas).

Em Nuremberg pela primeira vez se colocou em pauta crimes que até então eram completamente novos, assim como se responsabilizou as mais altas autoridades do Estado pelas violações do Direito Internacional. Nuremberg representa nesse sentido uma pedra angular na construção de um cenário em que os crimes contra a humanidade e de genocídio se tornariam reconhecidos internacionalmente.

O Tribunal de exceção traz em si essencialmente o pensamento do Jurista Alemão Rudolf Von Ihering (2010) de que o

Direito e a força se confundem, porquanto o Direito se torna vazio, na medida em que desprovido de força, pois ele nada mais é um mecanismo de luta, o meio para paz. A luta dos povos, Estados, classes, indivíduos. Os direitos não surgem espontaneamente na cabeça do legislador. E sim precisam ser reivindicados pela população.

Sem dúvidas a obra busca fortalecer e colocar em voga a longa e árdua luta da comunidade na conquista de seus direitos.

Não há estatísticas exatas conhecidas sobre o número de homossexuais que morreram nos campos, mas a taxa de mortalidade tem sido estimada em 60%, uma das taxas mais altas, excluindo os judeus. O autor empodera seus privilégios atuais em viver em lugar de acolhimento e aceitação, mas não esquece de locais onde os homossexuais ainda são presos e executados. É assustador. É evidente que apesar da evolução no que diz respeito a direitos básicos e fundamentais a luta ainda é árdua. Giddens (2016) aponta que “a constante luta da comunidade, é evidente nas minúcias o que a heterossexualidade colocou no mapa de forma simples.”

Toda forma de eugenia é potencialmente perigosa. A eugenia gerou a higiene social, o controle médico do casamento, com certificação pré-nupcial, a inseminação artificial mediante fecundação das fêmeas, com ajuda de esperma cientificamente selecionado. Esse poderia ser considerado o eugenismo positivo. Mas a história recente registra um eugenismo negativo. Invoque-se a esterilização, a imigração seletiva, o holocausto e a exterminação suave. (NALINI, 2001)

Tal leitura se torna essencial aos defensores dos Direitos Humanos. A obra, apesar de dolorida em grande parte do tempo, também demonstra resiliência, aquece e motiva a luta por um mundo melhor. Registrar tais atrocidades com fulcro na comunidade gay é estabelecer que o sofisma revestido de cientificismo pode ser capaz de causar novamente uma onda de destruição global, não necessariamente entre Estados, mas do próprio povo contra si, também é instrumento útil para perceber diferenças entre Direitos Humanos e Direitos Humanitários, pois estes últimos trazem limitações ao exercício dos Estados Soberanos entre guerras.

Nota-se então que a perseguição nunca acabou. Ninguém deve fugir de uma pele para outra. Aos homossexuais em geral, ele lembra que se para boa parte do mundo ocidental as leis não mais impõem um modelo de vida que contrarie e



reprima sua orientação sexual, as conquistas recentes e a maior tolerância estão longe de ser definitivas e de comum uso a todos. O Estado juntamente a sociedade, principalmente pela prevalência dos comandos de terceira geração de direitos fundamentais, devem atuar com mecanismos positivos para que nenhum indivíduo seja coisificado e possa ter em si elementos que o tornam único e digno de respeito. Alterações legislativas devem atuar principalmente de forma protetivas às minorias que poderão se ver excluídas da sociedade, pois o futuro é para todos!

Referências

DIWAN, Pietra: Raça Pura. **Uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2019.

GIDDENS, Anthony. O que é Sociologia? In: **Sociologia**. 4ª Ed, Porto Alegre: Artmed, 2016.

IHERING, Rudolf Von. **A luta pelo Direito**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2010

Recebido em: 19 de fev. de 2021
Aprovado em: 01 de abr. de 2021